

Boletim Píngua-Fogo

Informativo da Associação dos Servidores da UFMG

Edição n° 1.172 - Gestão 2013/2016 "Assufemg Viva, Presente e Crescendo" - 30/07/2013

Fones: 3439-8100 Visite o site: www.assufemg.org.br - Subsede no Medcenter - Tel: 3224-7519

Lei do Passe livre, um dos primeiros debates do Senado em agosto

Segundo matéria publicada pela *Agência Brasil* no dia 20/07/13, a Lei do Passe livre deve ser um dos primeiros debates a tomar conta dos corretores do Senado em agosto, quando as atividades voltam ao ritmo normal na Casa com o fim do recesso parlamentar. Pelo projeto, estudantes do ensino fundamental, médio e superior matriculados no país, podem usar o transporte público coletivo, como ônibus e metrô, sem pagar pelo serviço.

O passe livre é um dos temas da agenda de trabalho que foi intensificada no Senado, desde o início das manifestações que ganharam as ruas do país. Os protestos, que começaram pelo aumento de passagens de ônibus, foram ampliados com críticas ao transporte público coletivo e a setores prioritários como o da educação e saúde.

A força dos manifestos pressionou autoridades em todo o país e, no Senado, alterou o ritmo de trabalho levando os parlamentares a votar projetos que tramitavam há anos sem solução e a incluir novas propostas para responder às reclamações populares.

A promessa dos parlamentares, no segundo semestre, é continuar cumprido a agenda.

Além da gratuidade do transporte para estudantes, os senadores ainda devem concluir o debate sobre o Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelece investimentos para a área. O projeto está no Senado, mas esbarra no impasse previsto em outra matéria que trata da fonte de recursos para esses investimentos. A proposta é que 10% do Produto Interno Bruto - indicador da riqueza produzida no país - sejam destinados à educação. Deputados e senadores precisam definir como garantir essa parcela.

As expectativas para agosto também se referem à emenda constitucional que cria a carreira de médicos de estado e a que destina 10% da receita bruta da União para a área de saúde. No plenário, os senadores aguardam a inclusão da proposta de emenda à Constituição que acaba com o voto secreto no Congresso Nacional para a cassação de mandatos, para que os debates sobre a questão avancem. Queremos mudanças já!

E agora Brasil?

Professor da FAE/UFMG e coordenador do Observatório da Juventude - programa de ensino, pesquisa e extensão da UFMG, o sociólogo Juarez Dayrell adverte que a imensa multidão de jovens que saiu às ruas do país não é fruto do acaso. Os protestos abrem caminhos para a política, com atuação que nega qualquer verticalização em termos de hierarquia. **Páginas 2 e 3.**

Atenção Associados!

Por motivo de reformas na infra-estrutura do SESC estão temporariamente suspensos contratos de novas adesões. Segundo a direção do SESC não há previsão do livre acesso às áreas de lazer de suas unidades. Informações pelo telefone: 3279-1591 com Keila.



***Vem aí o "VIII Arraiá da Assufemg".
Vai Ser Bão D+ Sô!***

Mais uma vez acontecerá o "Arraiá" da Assufemg, no próximo mês de Agosto. O Forró é uma festa popular brasileira, de origem nordestina, que acontece em Junho, Junina. Com a idéia de ser a última da temporada a Assufemg promove a festa "Agostina". Aguardem novidades!

E agora Brasil?

Para avaliar os recentes protestos da juventude brasileira que ocupou as ruas atropelando partidos, ideologias, governantes e intelectuais o *Pinga Fogo* entrevistou o professor Juarez Dayrell que leciona a disciplina *Sociologia da Educação* na FAE/UFMG. Formado em Sociologia pela UFMG é autor do livro *A Música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude* (Humanitas/UFMG), fruto da sua tese de doutorado. É também coordenador do *Observatório da Juventude* (OJ) da UFMG - programa de ensino, pesquisa e extensão da FAE/UFMG, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG.

Desde 2002, o OJ vem realizando atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens da região metropolitana de Belo Horizonte, além de ajudar a promover o debate em torno desse universo.

Qual é o significado dessas manifestações realizadas recentemente pelos jovens por todo o Brasil. Que análise podemos fazer?

É importante ressaltar que não trata-se de um acordar da juventude ou acordar Brasil. Essas manifestações de alguma forma já haviam sendo gestadas há muito tempo. Em Belo Horizonte, por exemplo, foi a *Praia da Estação* em 2010 (quando os jovens lutaram contra as regras estipuladas pela Prefeitura para a utilização de espaços públicos na capital, sobretudo a Praça Rui Barbosa). Em 2011, a gente assiste uma reorganização do carnaval de rua que, foi muito em torno de uma mesma turma e que vai gerando todo o processo de articulação. Então, quando se disse que o povo acordou, na verdade o povo já estava acordado.

Dá para contextualizar melhor esses protestos?

O que aconteceu, no meu entender, foi que em Junho, uma série de variáveis se articularam e que deu o estopim para que



acontecesse uma manifestação de massas. Com a realização da *Copa da Confederações* todas as atenções internacionais se voltaram para o Brasil, também o aumento das passagens. A ação da polícia em São Paulo que gerou uma indignação muito grande. Ou seja, foi um conjunto de fatos base estruturais e alguns conjunturais que se articularam naquele momento. Mas já havia uma mobilização.

Esse movimento é fruto de quê?

Tem um teórico de movimentos sociais Alberto Belucci que já apontava como característica dos movimentos sociais, neste século, uma dinâmica muito grande. De fortes mobilizações e ao mesmo tempo um certo descenso, que faz com que o movimento perca a visibilidade pública, mas depois ele continua se articulando e depois sobe novamente. Um movimento meio onda que sobe e desce.

Alguns políticos disseram não entender as manifestações. Como avalia essa “surpresa” dos governantes?

A última mobilização popular significativa, de rua mesmo, foi o movimento *Fora Collor*. Desde então, a gente vinha há mais de 15 anos, sem ter uma pressão das ruas. E a democracia brasileira não vinha sendo alimentada pela mobilização popular. O que assustou foi o fato de que eles estavam numa zona de conforto muito grande. Se sentindo autônomos para fazer o que quisessem. Sem nenhuma resposta das ruas. E as ruas vieram dizer que não dá para continuar dessa forma. Além disso, a diversidade de bandeiras durante as ma-

nifestações expressa a diversidade de problemas e também de quem as proclamou. Não podemos falar de apenas uma juventude. Mas de juventudes no plural. São diferentes formas e modo de ser jovem e com isso diferentes demandas também. Agora, o que unifica, em termos de Brasil e que já vinha despontando nos últimos 10 anos, em várias capitais, é essa questão do ir e vir, da locomoção, da mobilidade urbana. Em 2007, em Santa Catarina teve uma mobilização muito grande. Logo depois teve em Salvador, também muito forte e significativa, em várias capitais do Nordeste. Estudantes e jovens indo pra rua em torno do passe livre. Então essa dimensão da mobilidade urbana é muito forte.

E o Patriotismo, como fica nesta nova geração?

Sinto que há um sentimento de nação. De algo coletivo. De uma demanda de um projeto de país. Até de cidadania. De se colocar um projeto mais amplo. Que não seja só de interesses pessoais. Sinto que quando se retoma a questão da bandeira, muita gente critica dizendo que são símbolos da direita. Não podemos deixar que símbolos nacionais sejam apropriados por essa ou aquela tendência, antes de tudo são símbolos nacionais. O fato de cantar o hino ou de ter a bandeira nacional nas costas, isso reflete uma ligação comum. Uma identidade comum.

Fale um pouco sobre a estrutura do movimento?

Primeiro acho que temos que tomar muito cuidado com essa história dos vândalos. A direita, ela que apropria e emite opinião através da imprensa, construiu uma interpretação e tentou vender essa interpretação, quase que criando dois tipos de movimentos. O movimento dos bonzinhos e o movimento dos vândalos. Então, tudo aquilo que saía de uma presença ordem se tornou vândalo. E os bonzinhos, como se fosse uma

procissão. Todo mundo rezando. E movimento social, não é procissão. Uma coisa é igreja, outra é movimento social. Então como é que se reúnem milhares de pessoas na rua e quer que todos fiquem “rezando”? É impossível. É constitutivo do movimento social e de massas. Temos que lidar com isso da forma da própria realidade. Tanto a direita quanto a própria polícia, manipularam essa situação. Isso ficou evidente aqui em BH, na Praça 7, nas primeiras manifestações, quando eles esperaram que houvesse quebra-quebra porque eles queriam que tivesse, pra que justificasse a intervenção.

No Rio de Janeiro também aconteceu. Ou seja, a polícia omite, espera que gere um clima para justificar uma repressão. Inclui o discurso, no depoimento da polícia do Rio era muito esse. De que tinham feito um acordo com as entidades dos Direitos Humanos de não intervir. É um não intervir já proposital. Não intervir, para que se crie a confusão, para que depois se justifique uma intervenção. A nossa polícia não tem tradição, pela própria formação, como se deu na Ditadura, não tem uma formação preventiva. Tem sempre uma formação militar, por isso se chama Polícia Militar. E polícia preventiva, não pode ter esse caráter militar. Então temos que tomar muito cuidado, ao se ressaltar o vândalo, termina-se por estar quase que negando a força do movimento.

Existe algum estudo do OJ em relação a esses movimentos?

Tenho um aluno que fez uma pesquisa de mestrado em torno da *Praia da Estação*, aqui de B H. É interessante, pois mostra uma origem anterior, inclusive internacional. Ou seja, os movimentos no Brasil têm uma ligação (não partidária) em termos de forma e de características, como alguns que aconteceram em Istambul e na Europa. Eles vem sendo gestados às formas de organização alternativa. Tem muita inspiração anarquista. Não de partido. Mas de concepções anarquistas. Existem caracte-

rísticas comuns nesses movimentos. Por exemplo, todos tendem a negar a hierarquia. Não é a toa que chama Assembléia Popular Horizontal. Ou seja, nega qualquer verticalização em termos de hierarquia, de chefia, etc. Com reivindicações com um pé muito forte na realidade. De ter uma resposta mais imediata. É o caso do transporte, por exemplo. Diferente de gerações passadas, os jovens atuais eles não se negam enquanto indivíduos, enquanto fonte de prazer. Então as manifestações têm também um caráter festivo, de alegria, lúdico, de encontro. Por exemplo, na ocupação da Câmara Municipal de Belo Horizonte. Tinha ao mesmo tempo um caráter político, de encontro, de festa, o povo tocando violão, bebendo, conversando, trocando idéias.

E agora, o que vem por aí?

Quando se pensa em termos de movimentos sociais não existe acabar. É muito cíclico. O que eu vejo é que é um movimento natural, de mobilização explícita. E depois, ninguém consegue ficar mobilizado por um tempo indeterminado. Sinto que aqui em Belo Horizonte houve um salto muito importante. Um sentimento de que é possível ir para a rua e isso interferir na realidade. Essa experiência de participação cidadã, não se apaga. Então há um salto de qualidade nesse sentido. Segundo é que já havia organizações pontuais dos jovens, que se reuniam em torno de questões específicas. O que houve, no meu entender, que a gente já está percebendo agora é um adensamento desses grupos. A continuidade da Assembléia Popular Horizontal é uma evidência. Ela se divide em 10 grupos temáticos de discussão. Com todos os problemas de grupos marcados pela diversidade. Há muita disputa, debates próprios do movimento. Há um avanço qualitativo da organização juvenil.

Podemos vislumbrar reais mudanças? Em que sentido?

Com certeza tudo isso mexeu muito com os políticos. Mas a minha expectativa era de que a voz

das ruas interferisse mais diretamente. Sinto que se a gente for ver a atuação do Congresso ouve uma resposta. Uma resposta imediata do Legislativo, do Executivo e do Judiciário mas, uma resposta, quase que sem haver maiores consequências. No Congresso Nacional o fato de ter esse recesso branco agora, evidencia isto. Do tipo, as ruas se mobilizaram agora vamos tirar férias.

Qual deve ser a contribuição da escola neste contexto?

Temos dois doutorandos que estão trabalhando com temáticas da participação. Então eles estão no olho do furacão. Pegando depoimentos. Então, brevemente teremos elementos mais reflexivos mesmo sobre esses movimentos. Viemos agora também com uma articulação com entidades juvenis, chamado *Fórum da Juventude*, que vem se articulando em torno da bandeira dos direitos da juventude, aqui em Belo Horizonte. Teve uma atuação muito expressiva quando o prefeito lançou a idéia do Centro de Referência da Juventude que está sendo construído na Praça da Estação. Houve uma mobilização muito grande e desde então, o Fórum vem atuando na perspectiva das políticas públicas da juventude. Aponta continuidade, em termos de mobilização. É importante que nós adultos saibamos ter uma leitura efetiva dessas mobilizações juvenis porque eles tendem a colocar em questão a própria ordem, que nós adultos quase que já acomodamos e já a entendemos quase como natural. Eles chegam com um sangue novo e com uma visão desnaturalizada da própria realidade e estão querendo mais. Hoje, jovens de 18 anos, não passaram pela Ditadura, pela crise econômica que passamos na década de 1980, pelo Neoliberalismo da década de 90. Estão pegando toda “onda” de uma abertura, de uma busca de caminhos de superação das desigualdades, mas estão vendo que querem muito mais. Então temos que criar espaços e estimular essa participação cidadã desses jovens.

Agradecimento

Procuro sempre estar informado sobre os meus direitos constitucionais enquanto cliente e usuário. Mas, também tenho a sensibilidade de reconhecer um atendimento realizado com carinho, respeito e honestidade. Estes foram os motivos que me levaram a fazer uso deste espaço democrático para me manifestar e agradecer a todos que movem esta engrenagem ASSUFEMG. Cito todos, do mais humilde ao mais alto escalão, que com todas dificuldades enfrentadas pelo sistema capitalista e o mundo globalizado conseguem manter esta casa de portas abertas, atendendo a todos, sendo associados ou não, amenizando a angústia de todos. Agradeço pelo atendimento prestado ao ente querido (meu neto Samuel Alexander), no serviço odontológico ASSUFEMG no Med Center.

Milton Henrique Caldeireli Filadelfio, funcionário da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) lotado no Hospital da Clínicas (HC), bloco cirúrgico.

Novos Associados

☺ Arthur Eugênio Quintão Gomes ☺ Lúcia Helena Esteves dos Santos L. ☺ Maria da Conceição Batista ☺ Paula Maestri Andrade ☺ Soraya Aparecida Alves Coppola ☺ Sueli de Fátima Gomes.

Óbitos

É com grande pesar que publicamos os nomes dos associados que se desligaram da Assufemg em junho de 2013, por motivo de óbito.

† Alfredo Azeredo C Neto † Leonidas Machado Magalhães
† Maria Aparecida M. Andrade † Maria Matozinhos Alves.



Negocinho\$

Seguros

Fazemos seguro de automóveis e condomínios, além de fiança, trabalhamos com todas as Seguradoras do mercado. Preços promocionais para associados e funcionários da UFMG, descontos de até 15%. Marco Antônio: 3072-8442/9984-9682. E-mail: marcoantda@gmail.com

Aulas de Direção

Se você tem medo de dirigir, quer praticar e desenvolver habilidade na direção veicular, faça aulas no novo Fiesta c/direção elétrica ou em seu próprio veículo. Instrutora Danielle. Contatos: 3447-1342/8524-5411 - E-mail: danicris.cfc@hotmail.com

Dicas Locadora Assufemg

As Aventuras de Tadeo



O pedreiro Tadeo sempre quis se tornar um famoso arqueólogo e aventureiro. No entanto, passa seus dias sonhando entre guindastes e cimento da obra onde trabalha. A oportunidade de realizar seus sonhos surge quando seu amigo, um arqueólogo de renome, recebe uma tabuleta de pedra misteriosa, a chave que leva à cidade perdida de Paititi e seu lendário tesouro. No momento da viagem, o famoso arqueólogo sofre um acidente e quem o substitui na expedição é Tadeo. Ao chegar no Peru, ele descobre que Oddyseus, uma grande corporação especializada em encontrar tesouros, também está atrás da cidade perdida de Paititi e disposta a fazer qualquer coisa para encontrá-la.

O Amante da Rainha



O Amante da Rainha conta uma história verdadeira de um homem comum que ganha o coração da rainha e começa uma revolução. Centrado no intrigante triângulo amoroso entre o cada vez mais insano rei da Dinamarca Cristiano VII (Mikkel Boe Følsgaard), o médico da realeza Struensee (Mads Mikkelsen) - um homem do ideário iluminista - e a jovem porém forte rainha Carolina Matilde (Alicia Vikander). O Amante da Rainha é uma emocionante narrativa sobre corajosos idealistas que arriscam tudo na busca pela liberdade de seu povo. Acima de tudo, o filme conta a história de um romance apaixonado e proibido que mudou uma nação para sempre.